

SAPATÕES E MÍDIA: APROPRIAÇÕES E NEGOCIAÇÕES NA SAÍDA DO ARMÁRIO¹Fernanda Nascimento²**RESUMO**

A cultura da mídia é uma das esferas pelas quais produzimos nossas identidades individuais e coletivas, estabelecendo relações de pertencimento. No presente artigo, interpreto as relações entre a saída do armário de nove *sapatões* e os produtos midiáticos. A partir de um aporte teórico dos Estudos Culturais e *queer*, analiso as relações entre as práticas de recepção de séries, telenovelas, ícones musicais, etc. com os processos de identificação e diferenciação que envolvem o reconhecimento e o anúncio público das sexualidades dissidentes. A metodologia de estudos utilizada possui inspiração etnográfica e é construída a partir da realização de entrevistas aprofundadas.

PALAVRAS-CHAVE: Sapatões; Mídia; Práticas de Recepção; Saída do Armário.

DYKES AND MEDIA: APPROPRIATIONS AND NEGOCIATIONS COMING OUT OF THE CLOSED**ABSTRACT**

Media culture is one of the areas on which our individual and collective identities are produced, establishing belongingness inside relations. In the presented article, I construe the relations between the coming out of the closet process of nine dykes and the role media products had in it. As from a theoretical input of the Cultural and queer Studies, I analyse the relations between the reception practices of series, soap operas, music icons, etc. with the identification and differentiation processes which encompass the recognition and the public announce of dissident sexualities. The methodology used for the study has ethnographic inspiration and it is constructed on in-depth interviews.

KEY WORKS: Dykes; Media; Reception Practices; Coming out of Closet.

INTRODUÇÃO

A expressão saída do armário é reconhecida como o movimento de enunciação de uma sexualidade que difere da norma. Nos dicionários, nas páginas de entretenimento de revistas destinadas a comentar, especialmente, a vida de celebridades, no cotidiano de pessoas de quaisquer sexualidades, a saída do armário de alguém recebe comentários, discussões e julgamentos. A existência dessa expressão, a notoriedade e o

¹ Artigo desenvolvido a partir da tese *Sapatões e mídia: produções de identidades a partir de práticas de recepção* (NASCIMENTO, 2020), desenvolvida com financiamento da CAPES.

² Jornalista e mestra em Comunicação Social (PUCRS). Doutora em Ciências Humanas, na área de Estudos de Gênero (UFSC).

impacto pessoal e social que a informação adquire, são resultados do regime que normatiza as sexualidades no Ocidente: a heteronormatividade.

Ao organizar e hierarquizar estruturalmente as experiências individuais e coletivas nas sociedades ocidentais, esse sistema constrói desigualdades, sendo produzido por diferentes mecanismos e instâncias sociais. Ao normalizar a heterossexualidade como a sexualidade humana natural, desejável, e alçá-la ao ideal de moralidade da humanidade, o regime da heteronormatividade garante uma estrutura de privilégios, e, conseqüentemente, de opressões àqueles que destoam da norma (BERLANT; WARNER, 2002).

O campo da linguagem é determinante na produção da heteronormatividade. Naturalizada em diversos planos, a heterossexualidade, assim como a cisgeneridade e a branquitude, não precisam ser nomeadas nem anunciadas. A heterossexualidade é considerada condição inerente às experiências humanas. Em contrapartida, aquelas pessoas cujas sexualidades estão fora da norma passam pelo processo (marcado por interdições, culpas, limitações e proibições) de revelarem-se (e de se esconderem). Eve Kosofsky Sedgwick é contundente ao afirmar que o armário é a “estrutura definidora da opressão *gay* no século XX” (2007, p. 26). O armário e sua saída são processos construídos a partir de diversos processos, dentre os quais estão as relações com os produtos da cultura da mídia.

CULTURA DA MÍDIA, GÊNERO E SEXUALIDADE: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLOGIA

Nos interstícios das pesquisas desenvolvidas nos campos da comunicação, gênero e sexualidade, apresento este estudo sobre os processos de produção de identidades *sapatões* a partir da relação com produtos da cultura da mídia, especificamente a saída do armário. Parto de cinco pressupostos: a) vivemos em uma sociedade saturada (BIRD, 2003) e colonizada (KELLNER, 2001) pelos produtos da cultura da mídia; b) nos últimos séculos, a esfera da sexualidade tem sido marcada pela proliferação de discursos e não pelo silêncio (FOUCAULT, 2014); c) contemporaneamente, os produtos da cultura da mídia podem ser compreendidos como um dos espaços pelos quais a cisheteronormatividade opera regulando os corpos

(KELLNER, 2001); d) não existe uma invisibilidade lésbica, mas, em analogia aos termos de Stuart Hall, uma “visibilidade cuidadosa regulada” (2013, p. 377) desses corpos; e) a mídia é um dos espaços que medeia nossa construção identitária (HALL, 2013; KELLNER, 2001; SILVERSTONE, 2002).

A presença significativa da mídia na contemporaneidade é inegável, ainda que em muitos momentos os estudos centrados neste tipo de investigação tenham sua relevância subestimada ou menosprezada (BIRD, 2003). Roger Silverstone define a mídia como “fundamental para a nossa vida cotidiana”, pois “contribui para nossa variável capacidade de compreender o mundo, de produzir e partilhar seus significados” (SILVERSTONE, 2002, p. 13). Assim, é uma das instituições decisivas nas construções de sentidos, estabelecimento de relações de pertencimento e construções de identidades. Como define o autor: “[...] a mídia é onipresente, diária, uma dimensão essencial de nossa experiência contemporânea” (SILVERSTONE, 2002, p. 12).

Em uma cultura “saturada pela mídia” (BIRD, 2003, p. 3), os valores sociais são, ao mesmo tempo, disseminados e produzidos nesse espaço. A nossa realidade é mediada e produzida dentro dessas instituições, formadas por redes complexas de relações nas quais as esferas da produção, da recepção e do contexto se articulam. A mídia é um dos espaços pelos quais partilhamos uma série de significados em comum, ao mesmo tempo integrante e parte do processo de construção cultural. Compreendê-la dessa forma é caracterizá-la como um “processo”: “o processo é fundamental e eternamente social – é insistir na mídia como historicamente específica” (SILVERSTONE, 2002, p. 17), um construto histórico, localizado no tempo e no espaço, perpassado por relações de poder, apropriada de formas diversas pelos sujeitos a partir de múltiplas identidades.

Douglas Kellner entende que vivemos em uma sociedade “colonizada pela mídia” (2001, p. 54) que se tornou uma “força dominante na cultura, na socialização, na política e na vida social” (2001, p. 26). Para compreender a mídia, parto do entendimento de Richard Johnson, de que o “objeto último dos Estudos Culturais não é, em minha opinião, o texto, *mas a vida subjetiva das formas sociais em cada momento de sua circulação*, incluindo suas corporificações textuais” (2006, p. 75 – grifos meus). A assertiva foi importante em pesquisa anterior, na qual o objetivo era analisar “quais

representações sobre a homossexualidade são mediadas e disponibilizadas para circulação social” (NASCIMENTO, 2015), e segue como compreensão fundamental para entender os sentidos articulados pelas sujeitas a partir dos textos. Assim, ao entender que o texto é “apenas um meio” (JOHNSON, 2006, p. 75) e que a mediação da cultura da mídia “não começa nem termina com um texto singular” (SILVERSTONE, 2002, p. 37), analiso as maneiras pelas quais a mídia está “firmemente ancorada na rede da cultura”, sendo “articulada pelos indivíduos de diferentes maneiras” (BIRD, 2003, p. 3), desenvolvendo um estudo de práticas de recepção.

Como gênero, sexualidade e mídia são espaços de construção, significação e ressignificação, as disputas por visibilidade e pluralidade são contínuas. A luta pela hegemonia cultural, “nunca é uma vitória ou dominação pura [...] sempre tem a ver com a mudança no equilíbrio de poder nas relações de cultura” (HALL, 2013, p. 376). Neste jogo de tensionamentos, as receptoras são agentes ativas nas mudanças e continuidades dessas visibilidades, reivindicando representatividade na mídia, se apropriando de produtos culturais para construir novos códigos, ressignificando narrativas, propiciando processos de diferenciação difusos. Afinal, a cultura da mídia “modela e conforma certas identidades e põe em circulação um material cuja adoção poderá enquadrar os diversos públicos em determinadas posturas” (KELLNER, 2001, p. 200).

Como estratégia metodológica que pudesse viabilizar o processo de escuta e de interpretação dos sentidos produzidos pelas interlocutoras, utilizei a entrevista e a produção de diário de campo como técnica de pesquisa, ambas desenvolvidas a partir de inspiração da etnografia. Ao apresentar uma noção de “inspiração etnográfica”, refiro-me ao fato de que recorro às premissas desenvolvidas a partir da etnografia e às problematizações realizadas no campo da antropologia feminista. Clifford Geertz, ao discorrer sobre as dificuldades de definição da prática etnográfica, afirma que esta é usualmente definida como uma produção científica na qual é necessário “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário de campo” (1989, p. 15). Para o autor, o mais importante ao recorrer a essa prática, é a capacidade de construir “o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma ‘uma descrição densa’” (1989, p. 15).

A descrição densa é o mecanismo utilizado para compreender a realidade das interlocutoras e suas relações com produtos da cultura da mídia. A partir do esforço de produção do diário de campo, é que procuro acessar as relações de poder presentes. Ainda que a descrição tenha sido realizada no sentido de apresentar o maior número possível de informações das conversas, como a pesquisa tem o objetivo de compreender as relações das interlocutoras com os produtos da cultura da mídia, são esses os momentos apresentados e discutidos com maior profundidade.

Também utilizo esta inspiração etnográfica na medida em que realizo uma pesquisa que difere de algumas premissas da etnografia clássica, como o distanciamento geográfico ou cultural. Este universo é familiar, ainda que muitos dos códigos e referências não integrem a minha experiência. Mas esse é também o exercício de refletir sobre a alteridade, as relações de poder nas quais o meu corpo também se engendra, as situações de privilégio e opressão, em diferentes espaços. Nessa relação com produtos da cultura da mídia, busco compreender “[...] as maneiras como a mídia participa de nossa vida social e cultural contemporânea” (SILVERSTONE, 2002, p. 17).

Ao recorrer às entrevistas também tomei como princípio o posicionamento de Nick Couldry sobre a compreensão da voz dos sujeitos como um “[...] processo contínuo de reflexão, trocando narrativas, indo e voltando em nosso passado e presente, entre nós e os outros” (2010, p. 8 – tradução nossa)³. Escutar as interlocutoras requereu a elaboração de estratégias metodológicas que pudessem respeitar as subjetividades. A materialização da presença midiática na articulação de identidades é realizada a partir da linguagem, e escutar as vozes de sujeitas de sexualidade dissidente é romper com uma lógica que privilegia a interpretação realizada por sujeitos dentro da norma.

As entrevistas foram iniciadas com o pedido para que as interlocutoras relatassem suas vidas. A intenção era de perceber, neste processo social, que é a voz, materializada no ato de falar e escutar, a maneira como cada uma era capaz de “[...] articular o mundo a partir de uma posição incorporada distinta” (COULDRY, 2010, p. 8). A proposta foi inspirada no projeto *A visibilidade da vida ordinária das mulheres na mídia* (ESCOSTEGUY, 2013), que, entre as considerações, aponta: “tais narrativas identitárias são reveladoras de processos culturais maiores e mais abrangentes,

³ No original: “[...] voice necessarily involves us in an ongoing process of reflection, exchanging narratives back and forth between our past and present selves, and between us and others” (2010, p. 8).

expressando a presença fluída e penetrante da mídia nos modos de ser” (ESCOSTEGUY, 2013, p. 148).

As interlocutoras demonstraram hesitação e/ou surpresa em iniciar suas narrativas sem uma pergunta direcionada. Saliento que a maioria das sujeitas contou sua história tendo a infância como ponto de partida, e evidenciou o processo de anúncio da sexualidade dissidente como momento chave de suas vidas. Pondero que a saída do armário possa ser um momento ápice das identidades, tanto por ser uma estrutura significativa de homossexuais (SEDGWICK, 2007), quanto pelo conhecimento das interlocutoras de que se tratava de uma pesquisa sobre mulheres lésbicas. Como afirma Judith Butler, o relato sobre si é sempre construído a partir de um sistema inteligível: “[...] não é possível fazer nenhum relato de mim mesma que, em certa medida, não se conforme às normas que governam o humanamente reconhecível” (2015, p. 30).

O momento seguinte da entrevista foi desenvolvido a partir de um breve roteiro temático, no qual provoquei as interlocutoras a refletirem sobre alguns aspectos específicos de suas vidas, perguntando-lhes diretamente sobre assuntos recorrentes no cotidiano das populações cuja sexualidade é dissidente, bem como nas suas representações midiáticas (NASCIMENTO, 2015): a) Reconhecimento da existência de mulheres lésbicas; b) Relações familiares, de amizade e profissionais envolvendo a sexualidade; c) Estabelecimento dos primeiros relacionamentos; d) Situações de preconceito e discriminação; e) Formas de sociabilidade com outras mulheres lésbicas.

Na pesquisa doutoral, 17 interlocutoras integraram o estudo. Neste artigo, são nove as interlocutoras cujos fragmentos de conversas são analisados. E para entender suas histórias e experiências, é necessário compreender os marcadores identitários que as aproximam e diferenciam. Nesse sentido, o conceito de interseccionalidade é fundamental. Como pontua Avtar Brah, “nossa inserção nessas relações globais de poder se realiza através de uma miríade de processos econômicos, políticos e ideológicos. [...] Não existimos simplesmente como mulheres, mas como categorias diferenciadas” (2006, p. 341).

As *sapatões* da pesquisa moram em Porto Alegre (RS) e região metropolitana e possuem entre 20 e 35 anos. Todas cresceram depois da retirada da homossexualidade da lista de patologias da Organização Mundial da Saúde (em 17 de maio de 1990) e

compartilham de um mesmo período histórico, no qual a internet gradualmente (ainda que de forma desigual) começou a se tornar acessível. Elas compartilham de uma temporalidade da oferta de mídias, ainda que não acessem de forma semelhante os recursos. A “multidão *queer*” (PRECIADO, 2019) é formada por mulheres entre 20 e 35 anos que se identificam como sapatão, caminhão/caminhoneira, homossexual, lésbica, homoafetiva, mulherzinha, lady, gay, LGBT, ovelha colorida da família ou machorra; é branca, morena, meio parda/meio amarela, parda e café com leite/negra⁴; oriunda de zonas nobres da Capital ou de bairros periféricos da região metropolitana de Porto Alegre (RS), acessou à universidade pública a partir do esforço familiar ou sempre soube que seu lugar era na elite intelectual. Esses atravessamentos perpassam os modos como articulam suas relações com produtos midiáticos, seus interesses, com os quais se identificam ou rechaçam⁵.

A SAÍDA DO ARMÁRIO MEDIADA PELA MÍDIA

As interlocutoras da pesquisa, em seus relatos sobre as experiências de saída do armário, estabelecem relações diversas sobre aspectos de suas vidas, entre estes a mediação de produtos da cultura da mídia. A saída do armário está inserida, necessariamente, em um processo de se entender como homossexual. Nesse sentido, produzir essa identidade é um processo que se dá a partir da identificação e da noção de existência de outras mulheres cuja sexualidade é dissidente.

Guacira Lopes Louro sinaliza como um dos aspectos importantes das sexualidades o fato de que estão ancoradas em uma concepção liberal. Isso significa que, apesar de organizarem socialmente nossa cultura, elas devem permanecer no âmbito privado, sendo vivenciadas em “segredo” e no âmbito da “intimidade”. Conforme Louro, “salvo raras exceções, o/a homossexual admitido/a é aquele ou aquela que disfarça sua condição, ‘o/a enrustido/a’” (2000, p. 29-30). A manifestação aberta de práticas sexuais dissidentes seria um dos grandes campos de disputa.

Sedgwick defende que conhecimento/ignorância sobre sexualidade integram a cultura Moderna. Retomando a arqueologia de Michel Foucault (2014), sobre a

⁴ Autoidentificações oriundas do campo e problematizadas em Nascimento (2020).

⁵ Uma discussão aprofundada sobre as categorias nativas e analíticas e os processos de produção de si está presente em Nascimento (2020).

construção da sexualidade nas sociedades ocidentais, a autora afirma que uma das grandes contribuições do movimento realizado pelo filósofo francês foi o de identificar que “conhecimento significava conhecimento sexual, e segredos, segredos sexuais” (SEDGWICK, 2007, p. 29). A saída do armário é uma invenção do século XX, tal qual a homossexualidade é uma invenção do século XIX, sendo necessário ponderar que nem sempre integrantes de sexualidade dissidente puderam publicizar esse aspecto sem que fosse considerada como crime ou doença, passível de punição ou tratamento médico.

A saída do armário é um marco importante na vida de todas as interlocutoras. Nesse movimento, as sujeitas que integram a pesquisa descrevem e interpretam seus anseios, suas angústias, dificuldades e a maneira sobre como o anúncio da sexualidade dissidente foi processado por si e, posteriormente, recebido pelos familiares. Existem dois movimentos fundamentais nesse processo: a compreensão da sexualidade e o anúncio aos parentes próximos. Nenhuma das interlocutoras os narra com tranquilidade. Pelo contrário, processos de aceitação marcados pela culpa, pela dúvida e pelo medo são comuns ao falarem dos seus próprios sentimentos. Já na relação com os familiares, relatos que passam desde discussões, obrigatoriedade em frequentar tratamentos psicológicos ou instituições religiosas, até agressões físicas e rompimentos com os parentes estão presentes. Sara Schulman afirma que existem duas experiências compartilhadas pela maioria dos homossexuais no processo de saída do armário:

Uma é a de “assumir-se”, processo de interrogação pessoal em oposição à expectativa social, que não tem quaisquer paralelos na vida heterossexual. A segunda experiência comum é que fomos, cada um de nós, em algum momento de nossas vidas, inferiorizados por nossas famílias simplesmente, mas especificamente, por causa de nossa homossexualidade (2010, p. 69).

Ainda segundo Schulman, há, nos discursos correntes, uma ênfase maior no casamento e na parentalidade homossexual do que na relação de gays e lésbicas com seus familiares, muito mais profunda e significativa na maioria das experiências. As sujeitas da pesquisa, em sua maioria, não conviviam com outras mulheres lésbicas em seu núcleo familiar ou círculo de amizades, enfrentando resistência das pessoas mais próximas sobre suas experiências sexuais. Assim, uma das primeiras atitudes realizadas na saída do armário foi a busca por referências de lésbicas em produtos midiáticos. Esses processos foram significativos para que pudessem compreender melhor os seus desejos, estabelecendo redes de amizades/afetos dentro de uma comunidade,

entendendo suas experiências dentro de um quadro compartilhado por outras mulheres.

Para as interlocutoras com idade próxima aos 30 anos, o marco da chegada da internet em suas vidas (a maioria no início da adolescência), é narrado como um dos momentos principais em suas experiências como *sapatões*. Brenda⁶ é uma das interlocutoras para quem a internet é percebida como fundamental para sua saída do armário e processo de reconhecimento. *Sapatão*, autoidentificada como *branca*, 27 anos, programadora com formação de nível técnico e moradora de um bairro periférico, onde vive com os pais, convivia com mulheres lésbicas na infância. Ela relata que sabia do interesse afetivo por outras meninas, mas que a família, composta por católicos e adventistas, e o fato de estudar em uma escola controlada por uma instituição religiosa, inibiam-na de vivenciar sua sexualidade.

Brenda conta que assim que teve acesso à internet, aos 13 anos, “a primeira coisa que fui procurar era beijo entre mulheres no cinema”. Tiro o caderno da mochila e recomeço as anotações e as meninas riem. “A internet era discada, eu fui procurar, queria ver, porque eu já sabia que gostava de meninas e eu queria ver meninas se beijando” (DC, 5/1/2018).

Aos 13 anos, Brenda queria ver/saber/compreender melhor os afetos e desejos que possuía. Ela já conhecia mulheres lésbicas – suas vizinhas, cujos familiares reprovavam o comportamento – mas queria ver o beijo entre mulheres. Ao afirmar isso, alude ao processo de inibição do desejo e de afetos públicos vividos pela comunidade LGBTI. Além de disfarçarem sua sexualidade, também cabe aos LGBTIs não demonstrarem suas relações de afeto em público (LOURO, 2000). Em um estudo sobre as formas de violência enfrentadas por lésbicas, Mariana Pires Melo aponta que as desigualdades no uso do espaço público como uma das formas de interdição mais vividas por essas mulheres. Não apenas o medo de agressões integra estas experiências, mas

ações como carinhos, mãos dadas, abraços mais longos, olhares e declarações, não fazem parte de seus repertórios da mesma forma que para casais heterossexuais, sendo as ruas, neste sentido, espaços predominantemente *antigay* e as demonstrações de afeto um dos desencadeadores para possíveis agressões físicas (MELO, 2016, p. 102).

A discrição nas relações, como forma de proteção contra possíveis discriminações, é um dos valores apresentados por uma parcela das interlocutoras deste

⁶ Utilizo pseudônimos.

estudo. Em sua maioria, não são movimentos estáveis, mas decisões pontuais, que dependem do contexto. Situações nas quais as interlocutoras identificam riscos, como locais que consideram inseguros, alteram seus comportamentos, especialmente se estão acompanhadas por namoradas/companheiras ou se possuem uma performatividade de gênero (BUTLER, 2013) com repertórios de masculinidades.

Mas há, também, relatos de total comedimento. É a situação do casal formado por Marcela e Nina. A primeira tem 30 anos, autoidentifica-se como *branca*, é formada em Educação Física e está atuando como promotora de vendas. Marcela cresceu em Pelotas, cidade da região sul do Rio Grande do Sul, distante 260 km da Capital e com população estimada em 306 mil habitantes. O pai é mecânico de bomba injetora, a mãe formada em Direito, mas não exerce a profissão. Marcela se define como a *ovelha colorida da família*. Nina tem a mesma idade que ela e se identifica como *branca*, *homoafetiva*, possui ensino médio completo e trabalha em uma fábrica, como auxiliar. Nascida em Itaara, pequeno município de seis mil habitantes, na região central do Estado, passou a infância entre a cidade de Canoas e a localidade natal. A mãe de Nina também é *do lar*, e o pai, falecido recentemente, era motorista. As duas estão juntas há 10 anos e moram no bairro Harmonia, em Canoas. O local é moradia de 40 mil dos 323 mil moradores da cidade da região metropolitana.

Encontrei Nina e Marcela à noite, em um rodízio de pizzas no bairro Igara, em Canoas. As duas frequentam o local esporadicamente, e, no dia em que conversamos, numerosos grupos de famílias (heterossexuais) e amigos ocupavam as amplas mesas do local. O casal me surpreendeu ao dizer que nunca havia sofrido preconceito. As discussões familiares no momento de anúncio da saída do armário, ainda na adolescência, foram os únicos grandes momentos de tensão. As desavenças, porém, já tinham sido deixadas para trás.

Pergunto para as duas se já sofreram preconceito. “Não, porque a gente é muito reservada”, diz Marcela. “Bem discreta, discretíssima”, completa Nina. Marcela retoma: “tu nunca vai ver a gente se agarrando, fazendo isso, fazendo aquilo, qualquer coisa na frente de ninguém. A gente não faz isso nem na frente da nossa família. Então, nunca aconteceu. Nunca mesmo”. Pergunto se elas andam de mãos dadas. Elas disseram que não. Nunca. “O máximo que a Nina faz é pegar nas minhas orelhas”, brinca Marcela (DC, 13/2/2019).

As relações com os familiares são mantidas de forma harmoniosa, sem a

explicitação da relação amorosa. A discrição na relação surpreende até as pessoas próximas, como o treinador da equipe em que as duas jogavam futebol – ambiente no qual convivem vários casais homossexuais. Como anotei no diário de campo: “Marcela diz que tem um treinador, que atua com elas há mais de 10 anos, que sempre comenta: ‘nunca vi vocês darem um beijo’” (DC, 13/2/2019). As duas demonstraram dificuldade em denominarem sua sexualidade, após falarem que eram companheiras uma da outra. Nina disse que se definia como *homoafetiva* e Marcela como *a ovelha colorida da família*. A manutenção da relação, de maneira reservada, é motivada não apenas pelo medo de agressões. Nina revelou temer perder o emprego, caso seu superior soubesse de sua sexualidade.

‘Preconceito, né. Que nem lá no meu serviço, se eu falar... Antes de eu entrar, tinha uma menina que era. Bá, eles falavam um monte, julgavam um monte a guria. Quando eu entrei, eu pensei ‘coitada da guria, ela não tá nem mais aqui e falam barbaridade dela’. Então eu optei por não falar. Até hoje eles falam coisas ofensivas das gurias. E cada vez mais. Estou há cinco anos lá, tem umas colegas que eu gosto. Mas eu creio que a partir do momento em que eu falar, o meu chefe não vai mais falar comigo. O meu chefe é bem preconceituoso. Eu deixo bem separado, a minha vida profissional lá. Quando eles vêm falar alguma coisa eu já digo ‘ah, eu não sei de nada’. Quando eles vêm com as piadinhas, ‘quando é que vai casar?’, eu digo ‘um dia, quem sabe’. Enquanto tiver lá, acho que vai ser assim”. Marcela diz que não sabe se algo aconteceria caso soubessem que ela é lésbica. Mas que acredita que, no mínimo, fariam “nas minhas costas” (DC, 13/2/2019).

O receio de sofrer preconceito e discriminação é um dos fatores que leva homossexuais a relegarem a sexualidade ao âmbito privado. Não por acaso, Brenda procurou referências de mulheres lésbicas se beijando a partir da internet e em uma pesquisa sobre cinema. De forma geral, a televisão aberta brasileira exibiu poucas demonstrações de afeto entre homossexuais no entretenimento. Relembro que, por exemplo, a maior reivindicação do fã clube das personagens Jenifer e Eleonora, de *Senhora do Destino* (2005), acompanhadas no estudo de Silvana Gomide (2006), era para que o casal protagonizasse cenas de afeto, tal qual os casais heterossexuais. Ainda sobre a mesma narrativa, Lenise Santana Borges e Mary Jane Paris Spink (2009) afirmam que, apesar de esse ter sido o primeiro casal lésbico a protagonizar uma cena de beijo na Rede Globo, o ato em si não promoveu processos que desestabilizassem as normas.

Se, de um lado, o processo de assimilação da categoria lésbica provoca uma maior “familiarização” na sociedade, bem como a circulação de códigos/modelos propiciam a legitimação de relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo, de outro, o modo como ocorrem os processos de legitimação/aceitação não propicia uma desestabilização de normas sociais e de modelos hegemônicos (2009, p. 442).

Na televisão aberta, em especial nas telenovelas, o maior produto de entretenimento do país, os modelos de ser lésbica seguiram sendo bastante reduzidos, com a maioria das personagens apresentando uma performatividade (BUTLER, 2013) cuja feminilidade é exacerbada, estabelecendo relações monogâmicas, procriativas, sem demonstrações de afeto (NASCIMENTO, 2015). A busca por referências em outro campo, como o cinema, não ocorre por acaso – Brenda teve acesso somente à televisão aberta durante sua infância e adolescência. Teresa de Lauretis (2019) cita o cinema como uma das tecnologias de gênero responsáveis pela produção de masculinidades e feminilidades no âmbito da cultura. Mariana Baltar aponta à potência de narrativas audiovisuais, especialmente do cinema, na criação do que denomina “pedagogias das sensações”: o ensinamento por partilhas e experiências “Pedagogias das sensações que, se de um lado nos ensinam a ver e sentir o mundo, de outro nos ensinam também, através e por causa desse ver e sentir, a ser e estar no mundo” (2015, p. 43).

Algumas cronologias apontam à existência de temáticas ou personagens LGBTIs no cinema desde os anos 1940. Mas, conforme Baltar, é nos anos 1990 que uma cultura *queer*, definida pela autora como “celebração do estranhamento (dos gêneros, dos corpos, das formas de narrar)” (2015, p. 41), emerge com força no contexto norte-americano. A partir da década seguinte, a autora aponta um crescente ingresso de filmes com temáticas/personagens LGBTIs no cinema comercial – considerado, pela autora, assimilacionista e heteronormativo. No circuito *queer* (e pode-se refletir que, também, no comercial, ainda que com restrições), as primeiras narrativas seriam marcadas por filmes cujas temáticas que envolvem LGBTIs se desenrolam em torno da saída do armário, das discussões em torno do eixo familiar e da repressão da sexualidade – podemos entendê-las como um movimento de visibilidade. Mais recentemente, a partir de 2010, Baltar e Érica Sarmet apontam o surgimento de uma pedagogia do desejo: “as câmeras aproximam-se mais intensamente dos corpos e conduzem o olhar do espectador

a passear por suas texturas, formas e gozos, muitas vezes dialogando com estratégias da pornografia para mobilizar afetivamente o corpo em frente à tela” (2016, p. 55).

Entre a pedagogia das sensações e dos desejos, as interlocutoras buscaram suas primeiras referências também a partir de séries e de ícones musicais. Essas foram as lembranças descritas por Daiana, que cresceu em um ambiente no qual os pais conviviam com amigos homossexuais. *Lésbica, branca*, 21 anos, estudante de Sociologia, bolsista de iniciação científica, moradora do bairro Ipanema, na zona Sul de Porto Alegre, também passou por experiência semelhante. Vivendo na localidade de 16 mil habitantes, distante 17 km do centro da Capital, Daiana tem uma experiência de moradia em casas confortáveis, em diferentes cidades por onde os pais se deslocaram para trabalhar. Estudante de escola particular e com uma criação que prezava pelo acesso a bens culturais e educacionais, ela não esperava a reação do pai ao contar sobre a sexualidade dissidente. Em nosso encontro no espaço cultural, em um bairro de zona central, Daiana me disse ter ouvido do pai que o interesse afetivo/sexual por outras mulheres era uma *fase passageira*, pois *estava seguindo uma moda* (DC, 17/1/2019).

Ao falar sobre as lembranças, citou a convivência com amigos dos pais e na sequência disse que “a Cássia Eller, eu lembro muito forte” como uma recordação sobre a presença de mulheres lésbicas. Aos 15 anos, Daiana saiu do armário da heterossexualidade e passou a se identificar como bissexual – ela afirma que essa identificação foi utilizada como forma de proteção e maior aceitação. Neste processo de descobrimento próprio, passou a consumir seriados com personagens LGBTIs. Em nossa conversa, ela me contou sobre suas referências midiáticas do período:

‘Depois eu lembro de referências da mídia, a Cássia Eller, eu lembro muito forte. Depois, um pouco mais velha, quando eu percebi que eu era lésbica, na *Malhação* tinha uma guria que eu me apaixonei por ela. Daí eu pensei, ‘não, na real eu gosto de menino’. Mas essa atriz, nome dela é Nathalie Jourdan, acho que ela nem é muito conhecida. Inclusive na *Malhação*, ela não tinha uma sexualidade muito definida durante a história, no final ela virou hetera, no início ela não era. Então, essa guria foi bem forte assim, se eu for falar alguém que marcou foi ela. Aí depois eu comecei a assistir *The L World*, aí mais velha, com 16 anos, em 2011”. Pergunto se ela tinha amigas que assistiram. Ela diz que todas as amigas eram bissexuais e uma amiga era lésbica e elas assistiam juntas. “Na verdade, essa amiga lésbica já tinha assistido e a gente comentava” (DC, 17/1/2019).

Dentre as três lembranças citadas por Daiana, destacam-se que duas delas são fortemente associadas por outras interlocutoras ao processo de percepção da

sexualidade: Cássia Eller e *The L World*. No que se refere à série, é um marco na vida de mulheres lésbicas e na televisão mundial, considerada uma das primeiras séries “*queer-centradas*” (SARMET, BALTAR, 2016, p. 52). Diferentemente de outros produtos midiáticos, o universo lésbico de *The L World* era múltiplo (ainda que com restrições sobre quais visibilidades eram possíveis) e centrado nas experiências vivenciadas por mulheres não-heterossexuais. A série foi citada como simbólica e consumida pós-saída do armário também pela interlocutora Valentina, a única das interlocutoras da pesquisa que percebeu/assumiu a sexualidade dissidente após os 25 anos, depois de um longo processo de autoaceitação.

Ela relaciona as experiências e as possibilidades de acesso a determinados produtos culturais ao seu poder aquisitivo e a um leque de vivências restritas. Autoidentificada *sapatão* e *branca*, com 32 anos, é formada em licenciatura em Sociologia, cursa bacharelado na mesma área e trabalha como secretária. Valentina mora com os pais e a irmã, em bairro periférico. A família sempre habitou a localidade que, de acordo com o Censo de 2010, é a mais populosa da Capital, com 79 mil habitantes. Seu pai trabalha como taxista e a mãe como cuidadora de idosos.

The L World se desenvolve a partir da vida de um grupo de jovens mulheres lésbicas e bissexuais com cerca de 30 anos. Em sua maioria, brancas, magras, elegantes, profissionais de sucesso e morando em confortáveis residências em Los Angeles, as personagens pertenciam à classe média, vivendo experiências afetivo-sexuais intensas – cenas de sedução e sexo entre as mulheres homo e bissexuais estavam em visibilidade, pela primeira vez, em uma série de televisão. Destaca-se que o sucesso de *The L World*, considerada como uma das séries com maior engajamento de fãs de sua época, também é atribuído ao fato de que a equipe de produção tinha entre suas principais profissionais mulheres homossexuais, como a produtora-executiva Ilene Chaiken.

The L World foi citada por Daiana como um produto que oportunizou o reconhecimento de si, dos desejos e afetos em um momento de descoberta, em um processo compartilhado por amigas que também atravessavam esse momento de vida. Daiana tinha com quem compartilhar essas descobertas, ao contrário de Valentina, que não assistia a série também pela ausência de reconhecimento social da validade desse consumo – considerado, em alguma medida, inadequado para heterossexuais. Rafaela,

namorada de Valentina e citada como alguém que se surpreende com o fato de esta última não ter assistido a *The L World* anteriormente, é uma das pessoas que fala sobre a série como sendo fundamental em sua trajetória. Rafaela se identifica como *sapatão* e *branca*, tem 31 anos, é formada em Sociologia e trabalha como funcionária terceirizada em um *call center* de hospital de Viamão (RS), região metropolitana de Porto Alegre. Filha de mãe zeladora e pai metalúrgico, Rafaela e o irmão cresceram convivendo com crianças moradoras de condomínio fechado e estudantes de escolas particulares do bairro Floresta, na zona norte de Porto Alegre, pois moravam onde a mãe trabalhava. A morte da mãe, quando a interlocutora tinha 12 anos, modificou a relação harmoniosa com o pai, e o anúncio da sexualidade dissidente não foi bem recebido pelo progenitor. Aos 18 anos saiu de casa e atualmente divide apartamento com uma amiga, no bairro Partenon, localidade com 47 mil habitantes, na zona leste da cidade.

Rafaela teve as primeiras trocas com outras *sapatões* sobre personagens, séries, livros, universos compartilhados a partir da internet discada. E foi a partir desse local que ela também conheceu as primeiras meninas com quem se relacionou, ainda na internet. Transcrevo abaixo o momento em que ela me relata essas experiências; e, ainda que o objetivo da pesquisa seja o de compreender as relações estabelecidas com produtos da cultura da mídia, exponho, brevemente, a importância do espaço virtual para o processo de saída do armário: “‘Tinha o *elas-elas*⁷ e eu entrava. Eu não tinha com quem conversar e como meu pai era muito repressor [...] Conversa mais profunda eu tinha na sala de bate-papo, com outras gurias do Brasil’. Rafaela me diz que discutia tudo nos grupos, ‘além da sexualidade em si, de *sapatão* e tal’”. (DC, 18/1/2019).

A internet é um espaço fundamental nesta mediação e construção identitária, especialmente no momento de saída do armário para aquelas que não conheciam outras *sapatões* pessoalmente e/ou sofreram com o preconceito no âmbito doméstico. Assim como Rafaela, o casal Nina e Marcela se conheceu a partir da internet. Também a partir do bate-papo do portal *Terra* é que começaram a se relacionar – Marcela morava em Pelotas e se mudou para Canoas para morar com Nina, menos de um ano após se conhecerem, ainda com 18 anos. As histórias de Rafaela, Nina e Marcela também contêm questões de classe: um circuito LGBTI urbanizado, com a sociabilidade em

⁷ Nome de chat destinado a relacionamentos entre mulheres.

bares, boates ou outros espaços culturais, não foi acessado pelas três até a maioridade. A internet se tornou, assim, local de sociabilidade significativo para essas experiências.

A partir do estabelecimento de relações de confiança, as interlocutoras conseguiram vivenciar experiências afetivo/sexuais entresspassadas pela mediação da internet. Como afirma Gisele Marchiori Nussbaumer, ao investigar comunidades LGBTIs online, “a homossexualidade, por exemplo, não podendo, muitas vezes, ser compartilhada e vivida no ambiente offline, no ciberespaço encontraria possibilidades de expressão e realização” (2012, p. 220). As interlocutoras já saíram do armário para si e para a família nuclear (ainda que permaneçam no armário em determinadas situações), mas o processo foi, também, atravessado pelas relações online. Enquanto algumas acessaram a internet para o processo de saída do armário, outras começaram a se identificar como lésbicas a partir de comunidades de fãs *online*.

Andressa enfrentou preconceito e discriminação, especialmente no âmbito doméstico, tendo discussões recorrentes durante anos. *Lésbica, meio parda, meio amarela*, com 22 anos, ela cresceu e mora com a mãe e a irmã em uma casa no bairro Mathias Velho, em Canoas, cursa Psicologia e trabalha como auxiliar de administração. A localidade onde mora é a mais populosa do município, distante 25 km do Centro de Porto Alegre. A mãe e o pai tiveram reações diferentes com a sexualidade dissidente da filha. A progenitora, do lar, não aceitava dialogar sobre o tema. O pai soube apenas quando ela se assumiu em definitivo como *sapatão*. Diante da recusa da mãe ao aceitar suas tentativas de falar sobre sua sexualidade, Andressa conta que “sempre forçava a ficar com homem, mas sabia que seria a decepção da família se fosse só gostar de mulher e fiquei anos tentando gostar de homem e não conseguia” (DC, 6/2/2019).

Filha de pais separados e criada apenas pela mãe teve conflitos com a progenitora, que tentava proibi-la de acessar a determinados espaços e a agredia verbalmente em decorrência de sua sexualidade. Os primeiros relacionamentos vividos com mulheres aconteceram a partir de contatos estabelecidos na rede social *Twitter*, nos diálogos em comunidades de fãs da cantora Lady Gaga.

Ela conta que conheceu a primeira namorada a partir de uma amizade, na rede social *Twitter*. Não entendo imediatamente a relação, minha experiência com a plataforma se dá principalmente para acessar notícias e não o vislumbro como espaço de paquera. Pergunto como isso ocorreu. E ela me explica que “gostava muito da Lady Gaga e ela também e em algum grupo

assim, de *twitter* de fã, eu tinha fotos e coisas da Lady Gaga e a gente seguia a mesma arroba [o mesmo perfil na rede social], daí curtimos as fotos uma das outras e foi assim”. Ela diz que tinha uma namorada a distância, e me falou que era a “Little, porque quem gosta de Lady Gaga é Little Monster”. [...] Pergunto se ela segue ainda as páginas de fãs. “Agora as páginas são mais para informar as coisas dos artistas, antes era mais para interagir os grupos de Little Monster, fazer amizade, agora é mais informativo. Continuo lá, vai que eu arranje alguém”, me conta rindo (DC, 6/2/2019).

A norte-americana Lady Gaga é um dos maiores fenômenos da música pop contemporânea. Cantora, compositora, atriz e produtora musical, a artista ganhou proeminência a partir de 2008. A personalidade, marcada por desafiar a norma, influencia o mundo da música, da moda e da política, e fez com que Gaga fosse considerada por Halberstam como uma nova expressão do feminismo: Gaga Feminism. “Reconhecendo o seu poder como um maestro da manipulação da mídia, um símbolo de uma nova desordem do mundo, e uma voz barulhenta para diferentes arranjos de gênero, sexualidade, visibilidade e desejo” (2012, p. xii).

O entrecruzamento das músicas com as experiências pessoais estabelecem a criação de identidades e diferenças e são capazes de mobilizar sentimentos, estilos de vida e *habitus* culturais. Esta relação de fã, saída do armário e estabelecimento de primeiro relacionamento descrita por Andressa também ocorreu com Kauanê. *Lésbica*, identifica-se como *branca*, tem 30 anos, é formada em Design, mas nunca exerceu a profissão. Ela trabalha como auxiliar de administração em uma universidade privada, na qual também cursa Psicologia. Filha única de pais funcionários públicos aposentados, atualmente mora sozinha em um apartamento alugado, no bairro de Santa Tereza, na zona Sul de São Leopoldo – distante cerca de 40 km do Centro de Porto Alegre.

No início dos anos 2000, ela conheceu sua primeira namorada em uma comunidade de fãs do grupo musical mexicano *Rebeldes* (RBD), na rede social *Orkut*. O grupo musical foi criado para a novela juvenil de nome homônimo, exibida entre 2004 e 2006, e era formado por Alfonso Herrera, Anahí, Christian Chávez, Christopher von Uckermann, Dulce María e Maite Perroni. *Rebeldes* se tornou um fenômeno pop que extrapolou um grupo musical destinado à telenovela e se tornou uma grande franquia. O grupo fez turnê por mais de 23 países, entre eles o Brasil.

Kauanê, então, começa a falar sobre relacionamentos. “Comecei a namorar com 16 anos e com 18 anos eu me descobri lésbica. Me descobri, porque eu era burra pra caralho e não tinha me dado conta de que eu sempre fui. Me descobri lésbica e comecei a namorar com a minha ex. Me descobri lésbica,

ela era lá do Rio de Janeiro, lembro que a gente começou a namorar via internet. Nos conhecemos através de *RBD*”. Pergunto, “como assim?”. Eu sei que *RBD* era uma banda e um seriado exibido pelo SBT, mas não entendi a maneira como elas se conheceram. “Em uma comunidade em comum, uma comunidade do orkut, *Traumado Anaide*, Anahi e Dulce, que nem sabia que existia, agora é shipper, né? Na época era traumado. Quando eu descobri que existia o tal do shipper eu fiquei ‘uau’ e daí foram várias garotas que se descobriram ao mesmo tempo, assim. Saíram do armário juntas, através da comunidade”. Kauanê me pergunta se eu conheci a comunidade, respondo que sei quem são as personagens/cantoras de *RBD* e sabia da existência de comunidades de fãs, porque o grupo foi uma grande febre no início dos anos 2000. “Eu era muito fã dessa novela *RBD* e descobri essa comunidade por acaso, estava procurando outra coisa, descobri esse trauma, que eu nem sabia que existia. Daí entrei na tal da comunidade. Imagina, eu namorava um cara fazia dois anos, super-hétero. E daí me descobri com aquele monte de garota, sabe. A maioria já sabia há muito tempo, já sabiam, mas ali deu muita força, a gente conversava muito sobre tudo. Foi ali que eu conheci minha ex-esposa” (DC, 6/2/2019).

Os *traumas*, ou *shippers*, a que Kauanê se refere, são combinações de nomes entre personagens ou artistas, geralmente especulações entre os fãs sobre possíveis relacionamentos amorosos dos ídolos. De forma geral, os fã-clubes procuram evidências em fatos ou produzem conteúdos fictícios que comprovem a existência desses relacionamentos. No caso dos fãs de *RBD*, as combinações de *traumas* incluíam casais homo e heterossexuais do grupo, como, por exemplo, “Savirroni” – combinação entre o sobrenome de Dulce María e Maite Perroni.

Não se pretende discutir de maneira aprofundada as culturas de fãs, caracterizados pelo segmento mais ativo no público de mídia e que adquiriu maior visibilidade a partir da emergência da web, atingindo outro patamar nas lógicas culturais contemporâneas, mas compreender como as interlocutoras produziram sentidos a partir da interação nessas comunidades. O que as relações estabelecidas entre Andressa e as *Little Monster* e Kauanê e as fãs de *RBD* indicam é que as comunidades de fãs se tornaram fundamentais como espaços seguros, nos quais não apenas os debates sobre a vida e a obra dos artistas são centrais mas, principalmente, espaços nos quais sexualidades dissidentes puderam ser discutidas, compreendidas e vivenciadas coletivamente. Mais do que mediar a construção identitária, essas comunidades se tornaram locais de sociabilidade entre seus membros, que estabeleceram relações afetivo/sexuais no *continuum on/offline*. Os relatos das experiências de Andressa e Kauanê sinalizam para experiências que eram compartilhadas não apenas por elas, mas vividas de maneira coletiva na comunidade de fãs.

As relações entre música e sexualidade, a partir dos *fandoms*, não é uma novidade, mas é possível sinalizar que a maioria dos estudos sobre o tema se debruça sobre a vida de homens homossexuais. Green, por exemplo, afirma que no início dos anos 1950, nos estúdios da Rádio Nacional, os gays compareciam às gravações e criavam fã clubes para suas cantoras favoritas “[...] o hábito de comparecer às apresentações nas estações de rádio ou aos eventos organizados pelo fã-clubes colocava os homossexuais em contato próximo com outros que compartilhavam as mesmas paixões e interesses” (2000, p. 270-271).

No mesmo sentido se encaminham as considerações de Rafael da Silva Noletto, em estudo sobre as relações entre homens homossexuais e intérpretes de Música Popular Brasileira. Para o autor, as intérpretes são elementos de mediação para que os “fãs homossexuais ingressem em redes específicas de sociabilidade. [...] a figura do intérprete constitui-se como um sujeito performático que anima trocas recíprocas de ordem cultural, afetiva, sexual e, finalmente, musical” (2018, p. 65).

Ainda sobre Lady Gaga, é possível destacar que a cantora não apenas apresenta performances que prezam pela diferença da norma nas roupas, na corporalidade, no desconforto com o novo, como defende publicamente políticas em prol dos direitos de minorias, em especial, dos LGBTIs. Os pequenos monstros da comunidade em torno de Lady Gaga sentem-se acolhidos por uma cantora engajada no combate à discriminação. Gaga é uma das cantoras do mundo pop que fez com que seu *fandom* se articulasse não apenas em torno de suas músicas e na construção de práticas comuns destes grupos, mas também se mobilizasse no ativismo de fãs, desenvolvendo micropolíticas, engajamento em questões que perpassam normas sociais e ressignificam o consumo.

Apesar de nunca ter integrado um coletivo, movimento, organização social ou mesmo participado de alguma parada de luta LGBTI, Andressa é uma dessas fãs que se identifica e se motiva a partir de Gaga. Ela não apenas conheceu as primeiras namoradas a partir da interação com outras *little monsters*, mas compreende as músicas da cantora como significativas em seu processo de construção identitário. Descrevo abaixo outro momento de nossa conversa, quando Andressa passa a me relatar de forma mais minuciosa a importância de Lady Gaga em sua vida:

Andressa me diz que acompanha Lady Gaga desde a 8ª série do Ensino Fundamental ou “desde quando tinha curiosidade”. E me complementa com informações que desconheço da cantora. “Ela é ativista, e ela tem toda uma coisa de ser bi[ssexual] e as músicas”. Andressa, então, me diz para procurar a de *Born This Way* e me explica que nesta canção Gaga fala “muito sobre aceitação, para aceitar quem tu é, teu corpo, independente do julgamento e eu escutava muito as músicas dela e entendia o que ela estava querendo passar e não só eu, meu amigo, várias pessoas que se identificavam e ela sempre apoiou e foi a pessoa que mais coloquei no pedestal.” Andressa me diz ainda que mesmo em um momento de sucesso “Lady Gaga nunca deixou de ser representativa, ela sofreu *bullying*, depressão, teve boatos de ser hermafrodita⁸, teve muitas coisas que aconteceu com ela e ela ajudava o próximo” (DC, 6/2/2019).

A proximidade com uma artista que encarna conflitos e supera desafios fez com que Andressa se identificasse e construísse a si própria, integrando uma comunidade de fãs que reverencia uma artista/militante que corporifica o desafio a binariedade de gênero e sexualidade. No clipe *Born This Way*, lançado em 2011, a cantora representa o papel de uma mãe para os estranhos, a *Mother Monster*: “Não importa se você é gay, hétero ou bi/ Lésbica, transexual/ Estou no caminho certo, querido/ Eu nasci para sobreviver” (Born..., 2011).

O processo de construção da identidade a partir da relação com ícones musicais evidentemente não se dá somente a partir dos *fandom*. A noção de um nascimento e uma essência que a música e o clipe carregam, por mais potente que sejam suas intenções em convocar aqueles que estão fora da norma, é alvo de ressalvas de Halbertam em sua obra destinada a refletir sobre Gaga. Conforme o autor, “ao contrário do que diz o manifesto da própria Lady Gaga, você não vai nascer uma gaga-feminista. ‘*Born This Way*’, você vai – para citar uma gaga-feminista anterior, Simone de Beauvoir – se tornar um” (2012, p. 26). Porém, ainda segundo o autor, é inerente ao processo compreender a artista como uma das maiores mobilizadoras dos feminismos contemporâneos.

Já a experiência de Tatiane sinaliza para uma busca individual de referências em um momento de descoberta da sexualidade para além dos fã-clubes. A *sapatão* autoidentificada como *branca*, de 22 anos, é formada em Relações Públicas e trabalha com mídias sociais. Tatiane nasceu e cresceu em Gravataí (RS), cidade de 255 mil habitantes e distante 30 km de Porto Alegre, sendo a mãe professora aposentada e o pai eletricitista autônomo. Atualmente, mora na Cidade Baixa, um dos bairros mais

⁸ Intersexual

identificados com a população LGBTI de Porto Alegre.

Oriunda de família classificada como “conservadora”, ela frequentou a Juventude Católica durante a adolescência e não conhecia homossexuais até os 16 anos, quando ingressou no teatro. O primeiro movimento após perceber que seu desejo não era heterossexual foi a procura por cantoras que representassem um universo LGBTI.

Tatiane começa a me contar sobre a sua vida logo que começou a perceber que se atraía por mulheres. “Comecei a escutar Ana Carolina, a Preta Gil, que foi muito importante na vida, por incrível que pareça, porque eu via que ela era bi e daí pensei, ‘existe essa possibilidade. Daí comecei a ler e a pesquisar’”. Pergunto o que Preta Gil cantava nessa época. “Preta Gil tinha feito uma música com o Naldo Benny [*Meu Corpo Quer Você*] e a Ana Carolina tinha feito uma música para ela, *Sinais de Fogo*. Aquele clipe do *Sinais de Fogo*, que foi o DVD dela, que elas dão um selinho, eu fiquei ‘gente, isso pode acontecer, bem retardada, sabe, porque realmente, o círculo que eu vivia não me apresentou isso em momento algum. Quando eu fui apresentada a este mundo me deslumbrei, porque pensei ‘pode ser que esteja aí, o que está faltando’”, me diz (DC, 24/8/2018).

A música *Sinais de Fogo* foi gravada por Preta Gil em 2003 e aparece no álbum de estreia da artista, *Prêt-à Porter*. Em 2010, em show único, a cantora gravou o dvd *Noite Preta Ao Vivo*, com a participação de Ana Carolina cantando *Sinais de Fogo*. O clipe é marcado pelo envolvimento das cantoras a partir de gestos e olhares que sugerem um clima de sedução. Antes de Ana Carolina entrar no palco, Preta Gil a apresenta da seguinte forma: “a primeira vez que eu a vi, eu impliquei com a cor do cabelo, era vermelho. Depois eu entortei o nariz como toda a cantora entorta o nariz para outra cantora, mas vocês não sabem, depois eu me apaixonei. Até anel de ouro eu dei. Ela, ela me fez canções e hoje ela está aqui” (NOITE..., 2010).

A música e a identificação com Ana Carolina e Preta Gil em um momento no qual Tatiane começava a compreender melhor a própria sexualidade não acontecem sem razão. As cantoras identificam-se como bissexuais e Tatiane passou por um período identificando-se como tal. Assim, ver mulheres assumidamente bissexuais era importante para que pudesse saber da possibilidade de existência dessa sexualidade. Outras interlocutoras também relataram terem se identificado bissexuais durante períodos de suas vidas e atualmente compreendem essa identificação como um processo que facilitaria a aceitação para si ou socialmente. Ressalva-se que não se quer aqui invalidar as experiências bissexuais ou percebê-las como transitórias, mas que esses são

os relatos das interlocutoras desta pesquisa. Com isso, as cantoras visibilizaram experiências que Tatiane começava a perceber como possibilidades.

Após o momento de se descobrir e compreender, o segundo passo da maioria das interlocutoras é o de contar para a família nuclear sobre sua sexualidade. Andressa, cujo histórico de desavenças com a mãe já foi citado, associa esse momento a um produto da cultura da mídia: a telenovela. Foi a partir da mediação da presença de personagens LGBTIs em uma telenovela que ela pôde ter uma conversa franca com a mãe sobre sentimentos e identidade:

Quando Andressa começou a namorar “de forma mais séria”, conversou com a mãe e contou que os pais da namorada já sabiam e tinham um bom relacionamento com a filha. “Eu falei, ‘mãe, eu gosto de mulher desde aquela época’” [três anos antes, quando começaram as discussões com a mãe] e me diz que contou para a mãe que tentou transar com homens, o quanto vivenciou uma trajetória de repressão ao longo da vida e que reafirmou que nada mudaria, “Não é porque eu gosto de mulher que vou aparecer com cabelo curto e calça larga. O medo dela era eu ser trans, nem falava trans, era ser masculina, ser *machorra*”. E eu falei, ‘mãe não vai mudar em nada, nada’”. Andressa diz que a mãe entrou em depressão, renegava, mesmo com ela conversando e tentando explicar. Andressa conta ainda: “no dia em que eu me assumi mesmo, lembra daquela novela que tinha duas senhorinhas que se casaram e se beijaram? Foi exatamente nessa hora que eu me assumi, eu falei ‘olha só, mãe, qual é o problema de duas pessoas que se gostam se casarem? Que nem quando tu casou com o pai, é a mesma coisa se eu me casasse com ela, gosto dela e ela de mim, a única coisa que muda é o que a gente faz em quatro paredes e isso ninguém vai ver” (DC, 6/2/2019).

Andressa se refere à novela *Babilônia* (2015) e às personagens Teresa (Fernanda Montenegro) e Estela (Nathalia Timberg) que formaram um casal na trama. Ao convocar a mãe a refletir sobre sua experiência a partir do exemplo da telenovela, Andressa estabelece um diálogo no qual a homossexualidade se torna não apenas inteligível como aceitável. A relação estável, duradoura e monogâmica de duas mulheres na terceira idade – uma das poucas vividas por essa geração nas tramas – é exemplificada como um modelo em que Andressa quer seguir, tal qual a própria família havia feito um dia (por mais que os pais já estivessem separados). Nesta política da normalização de sua sexualidade, a performatividade de gênero (BUTLER, 2013) também está presente no relato – é possível sinalizar que, mais do que a sexualidade em si, preocupavam a mãe as maneiras pelas quais Andressa conformaria seu gênero a partir da saída do armário. Ao garantir que permaneceria dentro do espectro de feminilidade, a interlocutora procura apaziguar a mãe, mantendo-se dentro da norma.

Os processos de saída do armário descritos e as reflexões produzidas referem-se aos movimentos narrados e realizados pelas interlocutoras, primeiramente consigo, e, posteriormente, com familiares próximos. Como afirma Sedgwick, porém, “viver no armário, e então sair dele, nunca são questões puramente herméticas” (2007, p. 39) e essas experiências são sempre contingentes. A maioria das interlocutoras mantém, em algum nível, sua sexualidade escondida, como em situações de trabalho.

A possibilidade de mediação a partir de produtos da cultura da mídia para esses familiares está presente na narrativa da interlocutora Brenda. Em todas as oportunidades em que nos encontramos, ela me relatou insatisfações sobre a forma como lida com a sexualidade – o fato de não conseguir cortar o cabelo de forma curta, como gostaria, por receio da relação familiar, foi um tema recorrente. As relações nas quais a homossexualidade não é revelada e que mais a incomodam se dão com os avós. Brenda tem uma relação intensa com eles, tendo convivido a maior parte da infância em sua casa, enquanto os pais trabalhavam. Brenda gostaria de contar aos avós sobre suas vivências e acredita que, por mais que não tenha dito, eles podem pressupor sua experiência, já que tem 26 anos e sempre esteve acompanhada de namoradas – consideradas como amigas. “Não sei, eu tenho medo que eles me amem menos se descobrirem” (DC, 5/1/2018), afirmou. Brenda está em um movimento de “saída” parcial do armário para a avó materna, que ela acredita já saber de sua sexualidade.

“Cara, e ontem, quando deu aquela cena na novela, eu pensei em falar, estava só eu e ela na sala, olhando TV”, fala ela repentinamente. A cena aconteceu na novela *O Outro Lado do Paraíso*. Um dos personagens, o psiquiatra Samuel [Eriberto Leão], é gay e por temor do preconceito e da rejeição (das demais personagens e dele mesmo, que em diversas ocasiões se mostrou homofóbico), mantém um relacionamento homossexual escondido com Cido [Rafael Zulu] – e um casamento com Suzy [Ellen Rocche]. Na cena, a mãe de Samuel [Ana Lúcia Torre] é levada até o *flat* onde se encontra com Cido e descobre a homossexualidade do filho. [...] Perguntei como foi. Brenda me disse que o principal foi que a mãe de Samuel disse “*eu sempre soube*” e que ela quase, durante toda a cena, falou para sua avó, porque sentia que aquela poderia ser o momento. “Um olho na novela e outro na minha vó, esperando uma reação, mas ela nem se mexeu, daí não soube como dizer” (DC, 5/1/2018 – grifos meus).

As interdições impostas pela epistemologia do armário limitam as experiências de Brenda em sua vivência corporal e nas relações sociais. O trecho acima destaca que ela percebeu, na narrativa da telenovela, uma possibilidade de diálogo com a avó, de saída do armário para uma das pessoas a quem importa informar sua sexualidade e

compartilhar suas vivências. Brenda percebe a oportunidade de dialogar sobre o tema a partir de uma representação midiática na qual a personagem diz algo que a ela parece semelhante: “eu sempre soube”. Sair do armário, mesmo para quem se imagina que saiba da sexualidade é algo tão ou mais complexo do que falar sobre o tema em outras ocasiões. Assim, pode-se refletir que a mídia é um dos espaços que ocasiona a problematização e as discussões sobre essas sexualidades, mas fatores religiosos ou temores de rejeição podem desmobilizar os atores neste processo difícil que é a saída do armário. Ainda que tenha recuado na intenção, seu diálogo demonstra a relevância dessas representações para possíveis conversas sobre o tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo apresentei algumas reflexões sobre o processo de produção de identidades lésbicas pelas interlocutoras e a posterior saída do armário, a partir da mediação com produtos da cultura da mídia. O fato não ocorre de forma isolada e está relacionado a outros marcadores identitários que atravessam as experiências das sujeitas, especialmente as questões de classe – seja na possibilidade de acesso aos produtos culturais, seja nas construções de gênero e sexualidade que constroem a partir de seus conhecimentos prévios e de suas experiências de vida.

As regulações da sexualidade estão presentes nessas trajetórias. As maneiras como se percebem estão relacionadas aos contextos nos quais estão inseridas e conforme as relações sociais e culturais que estabeleceram ao longo de suas vidas. Para algumas das interlocutoras, os processos são percebidos como estanques e acabados, assim como suas sexualidades são essencializadas em narrativas que carregam em si a noção de que *sempre foram assim*. Para outras, as dúvidas e as possibilidades de fluidez estão presentes em suas falas.

Destaco o papel importante ocupado pelos produtos da cultura da mídia nestes processos de produção identitária, na medida em que proporcionaram para as interlocutoras o acesso ao conhecimento sobre as possibilidades de experiências de homossexualidade, bem como a noção de pertencimento a uma comunidade – ainda que fora da norma heterossexual. A mobilização a partir de artistas, cantores ou personagens LGBTIs demonstra um engajamento em torno deste tema. E é, ao mesmo tempo, um

espaço de intermediação com outros sujeitos, especialmente, os familiares, na busca pelo estabelecimento de diálogos e na busca pela compreensão.

A mídia é, assim, um dos locais onde são produzidas essas identidades, mas é, também, um local de regulação destas, na medida em que modelos e formas de compreensão do mundo estão presentes nestas narrativas – marcadas pelas contradições inerentes à sua construção. Desse modo, compreendo que a mídia é uma das “tecnologias de gênero” (DE LAURETIS, 2019) fundamentais para as interlocutoras.

Fragmentos da memória ou lembranças detalhadas ilustraram os processos pelos quais a sexualidade dissidente foi sendo reconhecida. O “segredo aberto” que se consolida como estrutura definidora da experiência LGBTI (SEDGWICK, 2007) e as maneiras pelas quais se anuncia a sexualidade dissidente da heteronormatividade (WARNER; BERLANT, 2002) foram interpretados na relação com os produtos da cultura da mídia (KELLNER, 2001). No armário entreaberto, nas fissuras da matriz cultural heterossexual, as interlocutoras tensionam a abjeção imposta aos seus corpos.

REFERÊNCIAS

BALTAR, Mariana. Femininos em tensão: da pedagogia sociocultural a uma pedagogia dos desejos. In: MURARI, Lucas; NAGIME, Mateus (orgs). **New Queer Cinema: cinema, sexualidade e política**. São Paulo: Caixa Econômica Federal, 2015.

BALTAR, Mariana; SARMET, Erica. Pedagogias do desejo no cinema queer contemporâneo. **Textura**, Canoas, v. 18, n. 38, p. 50-66, set./dez. 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/2227/1938>. Acesso em: 3 set. 2019.

BERLANT, Lauren e WARNER, Michael. Sexo em público. In: JIMÉNEZ, Rafael (editor). **Sexualidades Transgressoras: uma antologia de estudos queer**. Barcelona: Içaria, 2002, p. 229-257.

BIRD, Elizabeth. **The audience in everyday life: Living in a media world**. Nova York/Londres: Routledge, 2003.

BORGES, Lenise Santana; SPINK, May Jane Paris. Repertórios sobre lesbianidade na mídia televisiva: desestabilização de modelos hegemônicos? **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 3, p. 442-452, 2009.

BORN is the way. Intérprete: Lady Gaga. Compositor: Fernando Garibay, Stefani J Germanotta, Paul Edward Blair, Jeppe Breum Laursen. In: **Born is the way**. Intérprete: Lady Gaga. Califórnia: Interscope Records, 2011. CD/DVD, faixa 2 (4 min.).

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p. 329-376, jun. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332006000100014&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 10 jan. 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2013.

_____. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

COULDRY, Nick. **Why voice matters: culture and politics after neoliberalism**. London: Sage, 2010.

DE LAURETIS, Teresa. Tecnologia de gênero. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa (Org.). In: **Pensamento feminista: Conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 121-155.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. Melodrama e heroicização: a mídia no relato biográfico. **Matrizes**, São Paulo, v.2, n. 2, p. 143-159, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/69411/71984>. Acesso em 25 out. 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

GOMIDE, Silvia del Valle. **Representações das identidades lésbicas na telenovela Senhora do Destino**. 2006. 210 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Comunicação, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

GREEN, James. “Mais amor e mais tesão”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. **Cadernos Pagu**, n. 15, p. 271-295, jun. 2000.

HALBERSTAM, Jack. **Gaga Feminism: sex, gender, and the end of normal**. Boston, Massachusetts: Beacon Press, 2012. Halberstam 2012

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

JOHNSON, Richard. **O que é afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**: Estudos Culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias das Sexualidades. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O Corpo Educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.7-34.

MELO, Mariana Soares Pires. **Formas de violência contra mulheres lésbicas**: um estudo sobre percepções, discursos e práticas. Dissertação (Mestrado), 2016, 162f. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, 2016.

NASCIMENTO, Fernanda. **Bicha (nem tão) má** – LGBTs em telenovelas. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015.

_____. **Sapatões e mídia**: produções de identidades a partir de práticas de recepção. Tese (Doutorado), 2020, 261f. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.

NOITE preta ao vivo. Intérprete: Preta Gil. Rio de Janeiro: Universal Music, 2010.

NOLETO, Rafael da Silva. “... é tudo somente sexo e amizade”: cantoras brasileiras como mediadoras de relações afetivas e sexuais entre homens gays. **Ponto Urbe** [online], n 22, 2018. Disponível em <http://journals.openedition.org/pontourbe/3679>. Acesso em 9 jun. 2019.

NUSSBAUMER, Gisele Marchiori. Identidade e sociabilidade em comunidades virtuais gays. **Bagoás**, v. 2, n. 02, p. 211-230, nov. 2012.

PRECIADO, Paul B. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista**: Conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 397-409.

SCHULMAN, Sara. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. **Bagoás**, v. 5, p. 67-78, 2010.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 19-54, jun. 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 18 abr. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332007000100003>.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

Recebido em 20 de junho de 2020

Aprovado em 17 de setembro de 2020